



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**GISÉLIA RIBEIRO DA SILVA**

**A LEITURA CRÍTICA DO GÊNERO CHARGE E DOS SEUS MÚLTIPLOS SENTIDOS**

**GUARABIRA  
2019**

GISÉLIA RIBEIRO DA SILVA

**A LEITURA CRÍTICA DO GÊNERO CHARGE E DOS SEUS MÚLTIPLOS SENTIDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em Letras Português.

**Orientadora:** Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins.

**GUARABIRA  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586l Silva, Giselia Ribeiro da.  
A leitura crítica do gênero charge e dos seus múltiplos sentidos  
[manuscrito] / Giselia Ribeiro da Silva. - 2019.  
39 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins,  
Departamento de Letras - CH."  
1. Gênero. 2. Charge. 3. Leitura. 4. Intertextualidade. 5.  
Crítica. I. Título  
21. ed. CDD 371.335

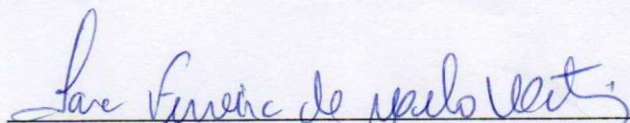
GISÉLIA RIBEIRO DA SILVA

A LEITURA CRÍTICA DO GÊNERO CHARGE E DOS SEUS MÚLTIPLOS SENTIDOS

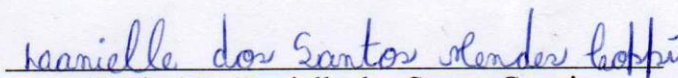
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ Coordenação de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Licenciatura Plena em Letras Português.

Aprovada em: 21 / 11 / 2019.

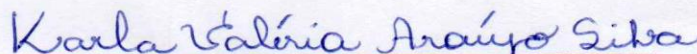
**BANCA EXAMINADORA**



Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Danielle dos Santos Coppi  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Esp. Karla Valéria Araújo Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu noivo Wellington Mauricio e ao meu irmão Ginaldo Ribeiro, pelo apoio que me deram durante os quatros anos de curso e por acreditarem em minha capacidade, não me deixando desistir. Aos meus pais, Edilma Maria da Silva e Raimundo Ribeiro, por todos os seus ensinamentos e educação. Aos meus avós Manoel Moisés e Luiza Guilhermina (in memoriam), DEDICO.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Charge 01.....	25
<b>Figura 2</b> – Charge 02.....	27
<b>Figura 3</b> – Charge 03.....	28
<b>Figura 4</b> – Charge 04.....	30
<b>Figura 5</b> – Charge 05.....	31

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>06</b>
<b>2 O QUE É LEITURA .....</b>	<b>07</b>
<b>3 O QUE É GÊNERO TEXTUAL.....</b>	<b>11</b>
<b>3.1 O que é charge .....</b>	<b>13</b>
<b>3.2 Intertextualidade .....</b>	<b>16</b>
<b>3.3 O humor, a ironia e a crítica .....</b>	<b>19</b>
3.3.1 O humor.....	19
3.3.2 A ironia.....	20
3.3.3 A crítica.....	22
<b>4 METODOLOGIA .....</b>	<b>22</b>
<b>5 ANÁLISE E DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i>.....</b>	<b>25</b>
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>35</b>

# A LEITURA CRÍTICA DO GÊNERO CHARGE E DOS SEUS MÚLTIPLOS SENTIDOS

Gisélia Ribeiro da Silva<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo o gênero charge, com a temática política, confeccionado pelo chargista paraibano Regis Soares. A pesquisa, assim, tem como objetivo analisar os diferentes sentidos das charges, acionados pela leitura. A escolha deste gênero textual se justifica primordialmente pela percepção da falta de criticidade de grande parte dos leitores. É sabido que para a leitura e a criação desse gênero é fundamental fazer uso dos vários conhecimentos prévios. Desta forma, se faz necessário usar os possíveis diálogos com outros textos por meio da intertextualidade, elemento fundamental da criação e na análise das charges. Com relação à metodologia, nossa pesquisa é de cunho qualitativo de caráter descritivo/interpretativo. Para a realização desse trabalho buscamos como aportes teóricos sobre leitura os autores Martins (2007), Kleiman (2007), Koch e Elias (2010). Usamos o teórico Marcuschi (2008) como suporte para entender sobre a importância do gênero para a sociedade. Mais adiante, utilizamos Romualdo (2000), Martins e Santos (2016) que discorrem a respeito do que é charge e seu surgimento, como também sua importância social. Cavalcante e Martins (2008), Bechara (2011), Matias (2010) e Houaiss (2004) conceituam os elementos fundamentais das charges. A pesquisa revelou-se de extrema importância, pois foi possível flagrar os elementos característicos desse gênero (humor, ironia, crítica e intertextualidade). Desta forma, observamos que para fazer uma leitura crítica da charge é necessário compreender os vários diálogos com outros textos.

**Palavras-chave:** Gênero. Charge. Leitura. Intertextualidade. Crítica.

## ABSTRACT

The present work has the cartoon genre as study subject, with political theme, made by the paraiban cartoonist Regis Soares. Thereby, the research aims to analyze the cartoons' different meanings, triggered by reading. The choice for this textual genre is primarily justified by the perception of lack of critical thinking by most readers. It is known that for the reading and creation of this genre the use of previous knowledge is fundamental. Thus, it is necessary to use possible dialogues with other texts through intertextuality, a fundamental element for the creation and analysis of cartoons. Regarding the methodology, our research is of qualitative nature with descriptive/interpretative character. To make this work we sought the theoretical contribution of the reading authors Martins (2007), Kleiman (2007), Koch and Elias (2010). We used the scholar Marcuschi (2008) as support to understand the genre's importance for society. Further on, we used Romualdo (2000), Martins and Santos (2016) who talk about the meaning of cartoon and its emergence, as well as its social importance. Cavalcante and Martins (2008), Bechara (2011), Matias (2010) and Houaiss (2004) conceptualize cartoons' essential elements. The research proved to be extremely important because it was possible to catch the characteristic elements of this genre (humor, irony, criticism and intertextuality). This way, we observed that to make a critical reading of the cartoon it is necessary to understand the various dialogues with other texts.

**Key words:** Genre. Cartoon. Reading. Intertextuality. Criticism.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras Português pela UEPB. E-mail: gisellya.ribeiro@gmail.com.



## 1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, podemos observar que o gênero charge vem ganhando notória visibilidade. Optamos pela charge como objeto de estudo, em nosso trabalho, por ser um texto humorístico, criado, especialmente, para criticar acontecimentos da atualidade e fatos, principalmente políticos, que estão ocorrendo na sociedade.

Nas charges escolhidas, aqui, do chargista paraibano Régis Soares, a principal função é criticar os políticos no período das eleições, abordando assuntos atuais das políticas municipais, estaduais e federais. Dessa forma, a charge vem se revelando um importante instrumento de denúncia na sociedade, pois revela crítica, ironia e humor no mesmo gênero. Seus elementos têm muita significação, uma vez que é através deles que podemos fazer as diferentes leituras, ativando variados conhecimentos prévios e acionando a intertextualidade.

Nesse sentido, nosso principal objetivo é analisar os diferentes sentidos das charges acionados pela leitura. Os objetivos específicos são a) reconhecer os elementos característicos fundamentais desse gênero textual (o humor, a ironia, a crítica e intertextualidade, e b) despertar leitores críticos fazendo uso dos diferentes conhecimentos prévios.

A escolha desse gênero textual se justifica, primordialmente pela percepção da falta de criticidade de grande parte dos leitores, pois sabemos que a charge apesar de ser considerada um gênero de fácil leitura, ela requer do leitor maior conhecimento por se tratar de um texto que exige diálogo com outros textos através da intertextualidade. Assim, por meio da charge podemos fazer múltiplas leituras e dar vários sentidos ao texto utilizando, para tanto os conhecimentos de mundo.

Para fundamentação das discussões e análise, dialogamos com Martins (2007), Kleiman (2007), Koch e Elias (2010) como fundamentação teórica a respeito do processo de leitura. Nos apoiamos nos pressupostos do teórico Marcuschi (2008) como base para o estudo do gênero textual, pois o autor discorre sobre a importância do gênero na sociedade, como também na formação da comunicação, além de pluralidades de gêneros que circulam. Além destes, utilizamos também Romualdo (2000), Martins e Santos (2016) que apresentam análises teóricas sobre o surgimento do gênero charge, como também a importância da charge na sociedade e suas diferenças de outros gêneros que se assemelham. Na teoria sobre os principais elementos da charge usamos Cavalcante e Martins (2008), Bechara (2011), Matias (2010) e Houaiss (2004).

Com relação à metodologia, nosso trabalho é de cunho qualitativo e de caráter descritivo/interpretativo, pois as charges analisadas circulam na sociedade, mostrando os diferentes contextos da política. Logo, a charge reproduz para a sociedade os assuntos de forma humorística, sendo um texto presente no cotidiano das pessoas, uma vez que é acessível para todas as esferas sociais.

Dessa forma, com relação à estrutura este artigo está dividido em seis seções: na primeira, temos a introdução do trabalho; na segunda seção, discutiremos sobre os três níveis de leitura (leitura sensorial, emocional e racional). Ainda discorreremos como a leitura é interpretada em sala de aula mediante a decodificação e como deveria ser tratada por meio da compreensão e conhecimento do leitor. Na terceira seção, trataremos sobre os estudos dos gêneros textuais. A princípio, mostraremos a origem do gênero textual, abordaremos sobre a dinamicidade dos gêneros e discutiremos sobre o gênero charge e os principais elementos característicos da criação desse gênero (intertextualidade, humor, ironia, e a crítica). Na quarta seção, apresentaremos a metodologia usada na análise das charges selecionadas, mostrando uma breve biografia do chargista Regis Soares, expondo como se iniciou seu trabalho com as charges. Adiante, faremos um breve resumo das características das charges escolhidas. Na quinta seção, nos aprofundaremos na análise das charges, mostrando a grande relevância dos conhecimentos prévios e de todo arcabouço teórico, que trabalhamos, para compreender e dar sentido as charges analisadas, percebendo as críticas ao contexto político da época em que foram criadas. Na última seção, na conclusão, faremos um apanhado das teorias utilizadas no presente trabalho, resumindo e pontuando os aspectos mais importantes da análise do gênero estudado.

## **2. O QUE É LEITURA**

Ao falarmos de leitura, muitas vezes nos resumimos às leituras feitas em livros, na qual as pessoas decodificam as letras. Porém, a leitura vai muito mais além do texto verbal escrito. De acordo com Martins (2007), nós passamos a ter o primeiro contato com a leitura desde bebê. O ato de ler acontece ao ouvir uma canção, na observação ao receber um gesto de carinho, ou seja, vamos dando sentido àquilo que está acontecendo à nossa volta. Desta forma, entende-se que é uma forma natural na qual começamos sozinhos a ler e compreender as coisas do mundo. Segundo Martins (2007):

De repente se descobre um sentido, não o sentido, mas apenas uma maneira de ser desse objeto que nos provocou determinada reação, um modo especial de vê-lo, enxergá-lo, percebê-lo enfim. Desta forma, podemos observar que a leitura não só

acontece quando nós passamos ir à escola, lá que aprendemos a decodificar letras e a partir da ir que passamos a ler e conviver com a leitura da escrita (MARTINS, 2007, p. 9).

A leitura é fundamental, pois colabora de maneira significativa na formação do ser humano. Leva-nos a observar a sociedade e o seu cotidiano de forma reflexiva, tornando-nos um sujeito ativo, desenvolvendo sentidos em relação ao mundo que nos cerca.

No momento que passamos a conviver diariamente com a leitura, enxergamos o mundo de uma forma diferente. Assim, em sua obra, Martins (2007) descreve:

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa (MARTINS, 2007, p.17).

Em seus estudos, essa autora nomeia três níveis de leitura: “Perceberá a configuração de três níveis básicos de leitura, os quais são possíveis de visualizar como níveis sensorial, emocional e racional.” (MARTINS, 2007, p. 36-37).

O primeiro nível, pois, é o da leitura sensorial que está diretamente ligada aos nossos sentidos. Sabe-se que, desde pequena, a criança utiliza-se deste nível, pois a descoberta acontece através da curiosidade, que é a necessidade de saber conviver no mundo. Conforme pontua Martins (2007), é o nível que se dá logo quando é criança, e vai aprimorado com o descobrimento do universo do mundo adulto. Essa leitura sensorial não é realizada por meio do ensino, pois não é necessário ninguém ensinar. As pessoas aprendem fazer o uso desse nível de acordo com as necessidades/estímulos que o mundo nos oferece para poder “sobreviver”. A partir dessa leitura sensorial, o leitor descobre pouco a pouco o que o agrada na leitura, consegue se identificar, ou não, usando os sentidos do corpo.

De acordo com Martins (2007), nos desprendemos da leitura de sentido e passamos para outro nível de leitura, caracterizado como nível emocional. Esse se dá através dos sentimentos do leitor que se deixa envolver com o texto, mexendo com suas emoções. A leitura emocional é feita através da imaginação do leitor usando seus sentimentos. É o tipo de leitura que desperta os sentimentos do leitor, uma vez que desperta nele emoções que podem ocasionar alegrias ou até mesmo tristezas, vejamos:

Não obstante, essa a leitura mais comum de quem diz gostar de ler, talvez a que dê maior prazer. E, mais uma contradição, é pouco revelada e muito menos valorizada. Caracteriza-se, pois, um processo de participação afetiva numa realidade alheia, fora de nós. Implica necessariamente disponibilidade, ou seja, predisposição para aceitar o que vem do mundo exterior, mesmo se depois venhamos a rechaçá-lo (MARTINS, 2007, p. 49- 52).

O terceiro nível é o da leitura racional que se diferencia da sensorial e da emocional, tendo em vista que é preciso que o leitor faça leituras mais complexas, na qual consiga

compreender o texto e expor seu ponto de vista, envolve a sua realidade, o contexto escrito, fazendo pontes com fatos reais. Ao se falar em leitura racional, a teórica Martins (2007) aponta que para muitas pessoas esse é o nível considerado “letrado”. Esse é o momento que o leitor pode revelar sua competência/conhecimento sobre a leitura feita. Esse tipo de leitura exige do leitor uma profunda construção de significados, uma vez que o texto não traz por si só a compreensão pronta. O leitor tende usar seus conhecimentos a fim de criar pontes para compreender o texto e até mesmo criticar, pois nesse tipo de leitura o leitor se sente convidado a fazer relações sociais e também relacionar com outras leituras.

Importa, pois, na leitura racional, salientar seu caráter eminentemente reflexivo, dialético. Ao mesmo tempo que o leitor sai de si, em busca da realidade do texto lido, sua percepção implica uma volta à sua experiência pessoal e uma visão da própria história do texto, estabelecendo-se, então, um diálogo entre este e o leitor com o contexto no qual a leitura se realiza. Isso significa que o processo de leitura racional é permanentemente atualizado e referenciado. (MARTINS, 2007, p. 65-66).

Assim, após conhecer os três níveis de leitura acima, podemos perceber que deve existir uma interação entre esses níveis. Segundo Martins, a respeito dos níveis de leitura: “[...] eles são inter-relacionados, senão simultâneos, mesmo sendo um ou outro privilegiado”, e continua: “Deve, pois, ficar claro não haver propriamente uma hierarquia; existe, digamos, uma tendência de a leitura sensorial anteceder a emocional e a esta se suceder a racional, o que se relaciona com o processo de amadurecimento do homem.” (MARTINS, 2007, p. 77).

Ressaltamos, pois, que nenhum nível de leitura acontece sozinho, ou seja, como já supracitado, eles estão interligados e vai depender do leitor evoluir sua leitura, chegando numa maturidade intelectual para expor seu ponto de vista a partir do texto lido.

Para Kleiman (2007), o conceito de leitura ainda está sendo interpretado de maneira inadequada, em sala de aula, porque ainda há muitos alunos que não conseguem ter uma visão crítica a respeito do texto, tornando-se leitores passivos, os estudantes precisam “agir” no processo de leitura. Diante dessa observação feita, a teórica propõe, em sua obra, que o professor trabalhe o ensino de leitura com um olhar crítico mediante a compreensão, que possa dialogar com o pensamento do autor do texto utilizado e que chegue a uma outra visão de leitura que não seja decodificar a escrita, vejamos:

Uma outra prática muito empobrecedora está baseada numa concepção da atividade como equivalente à atividade de decodificação. Essa concepção dá lugar a leituras dispensáveis, uma vez que em nada modificam a visão de mundo de aluno. A atividade compõe-se de uma série de automatismo de identificação e pareamento das palavras do texto com as palavras idênticas numa pergunta ou comentário. Isto é, para responder a uma pergunta sobre alguma informação do texto, o leitor só precisa o passar do olho pelo texto à procura de trechos que repitam o material já decodificado da pergunta (KLEIMAN, 2007, p. 20).

Ademais, Kleiman (2007) expõe que a leitura é compreensão do sentido do texto, ou seja, cabe ao leitor perceber o que se lê e começar a organizar técnicas para apreciar a leitura emitindo opiniões acerca do texto. O leitor, então, pode recorrer a várias pistas, como começando pelo título, às palavras para dar sentido, e não usar o texto apenas para decodificar palavra por palavra.

Como pontuam Koch e Elias (2010, p.11), “A leitura é uma atividade na qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor”, isto é, uma leitura carregará todo o conhecimento prévio do leitor. E continuam: “[..] a leitura de um texto exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo”. (KOCH; ELIAS, 2010, p. 11).

É sabido que o autor, ao criar um texto, não deixa totalmente definido o sentido deste; cabe ao leitor fazer, então, conexões da leitura, observar o texto e o contexto, além de ter uma bagagem de conhecimento acerca do mundo da leitura. Isto nos leva a observar que os estudos sobre leitura, segundo Koch; Elias (2010) são assim entendidos: “Nossa atividade de leitores ativos em interação com o autor e o texto começa com antecipações e hipóteses elaboradas com base em nossos conhecimentos” (KOCH, ELIAS, 2010, p. 13).

As autoras, ainda, salientam que o leitor dialoga com o texto de acordo com a finalidade que pretende atingir na leitura feita. Depende do objetivo ao qual essa leitura pretende atingir ao ser realizada, como vai ser cobrada. Sendo assim, se for uma leitura de compreensão, esse leitor estará em um nível racional. Além disso, o leitor não vai encontrar no texto o sentido pronto e acabado; compete a ele revelar os sentidos encontrados no texto com a ajuda dos seus conhecimentos prévios.

Devemos compreender que a construção de sentidos, acionada através de diversos pontos de vista sobre o texto, dependerá do conhecimento prévio de cada leitor. Ao conseguir dar sentido a um texto, surgem pontos de vistas diferenciados e na medida que vamos ampliando nossos conhecimentos, nossas competências vão aumentando. Assim, explicitam as teóricas: “Considerar o leitor e seus conhecimentos e que esses conhecimentos são diferentes de um leitor para o outro implica aceitar uma pluralidade de leituras e de sentidos em relação a um mesmo texto.” (KOCH, ELIAS, 2010, p. 21).

As autoras Koch e Elias (2010), explicitam, ainda, deve haver comunicação/interação entre os três itens: autor, texto e leitor. Por este motivo, o leitor deve observar as pistas dentro do texto, pois pode ser uma marca linguística, uma palavra etc., podendo fazer inferências a

seus conhecimentos. “Desse modo, o texto, pela forma como é produzido, pode exigir mais ou menos conhecimento prévio de seus leitores” (KOCH, ELIAS, 2010, p. 28), vejamos:

Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, ideias, situações reais ou imaginários (MARTINS, 2007, p.34).

Nesta perspectiva, enquanto leitores atentos, não devemos nos aprisionar às informações do texto, uma vez que a nossa missão é construir sentidos, pelo fato que “A língua é semanticamente opaca, e os textos podem produzir mais de um sentido. A língua permite a pluralidade de significações e as pessoas podem entender o que não foi pretendido pelo falante ou o autor do texto”. (MARCUSCHI, 2008, p. 241).

Um mesmo texto pode ganhar diversas pluralidades de sentidos por meio dos leitores, pois o autor deixará informações para que o leitor consiga criar sentido(s) e possa compreender muito mais além do que foi escrito. Haverá, portanto, uma parceria entre leitor, texto e autor, sempre possibilitando a compreensão e a construção de sentido(s) por parte do leitor.

### **3. O QUE É GÊNERO TEXTUAL**

De acordo com Marcuschi (2008), os estudos dos gêneros textuais não são recentes. A palavra “gênero” foi iniciada a partir de Plantão e foi firmando-se com Aristóteles. Posteriormente, passou pelo os estudiosos Horácio e Quintiliano, até meados do século XX, no qual o gênero era vinculado à literatura. Uma vez fora dessa área, vai para a seara da linguística sustentado pelos estudos de Bakhtin.

Como defendem alguns teóricos, incluindo Marcuschi (2008), os gêneros textuais são meios importantes de comunicação, são “formas de ação social”, e são considerados um artefato cultural. “O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas”. (MARCUSCHI, 2008, p. 149).

Esse autor evidencia que além do gênero ser envolvido em questões “socioculturais e cognitivas”, cada gênero textual vai ter uma finalidade diferente para alcançar algum propósito, ou seja, terão sempre uma maneira de circular com finalidades diferenciadas de comunicação. O teórico, assim, defende essas finalidades: “[...] por exemplo, uma monografia

é produzida para obter uma nota, uma publicidade serve para promover a venda de um produto, uma receita culinária orienta na confecção de uma comida etc.” (MARCUSCHI, 2008, p. 150).

Existem, pois, inúmeros gêneros textuais circulando na sociedade, todos com funções e estruturas distintas, apresentando características próprias. Ao falarmos de gêneros textuais, temos que ter conhecimento que não estamos falando de tipo textual, embora os dois estejam interligados. Segundo Marcuschi (2008):

Tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. [...] Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p.154-155).

Para diferenciarmos um gênero dos demais, deve-se, através da função, observar como ele é desenvolvido nos contextos sociais e não pelas formas/estruturas linguísticas. Os gêneros são heterogêneos, uma vez que fazem uso de elementos de outros gêneros. Sobre essa diferenciação, o teórico explicita: “Os gêneros textuais são dinâmicos, de complexidade variável e não sabemos ao certo se é possível contá-los todos, pois como são sócio-históricos e variáveis”. Devido a isso, o autor continua: “não há como fazer uma lista fechada, o que dificulta ainda mais sua classificação. Por isso é difícil fazer uma classificação de gêneros.” (MARCUSCHI, 2008, p. 159).

Os gêneros, além de serem heterogêneos, compartilham pluralidades que estão presentes em nossas vidas. Desta forma, entende-se que os gêneros são múltiplos. Sobre essa multiplicidade, os teóricos expõem: “[...] sendo as esferas de utilização da língua extremamente heterogêneas, também os gêneros apresentam grande heterogeneidade, compreendendo desde o diálogo cotidiano até à tese científica”. (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2008, p.161 *apud* MARTINS e SANTOS 2016, p. 7).

Conforme Marcuschi (2008), não há complexidade na interpretação, basta atentar-se à predominância da função para a definição do gênero. O autor ainda aponta que os gêneros estão suscetíveis à intergenericidade, esse que é “um gênero com a função do outro”. A intergenericidade está associada aos mais diferentes gêneros textuais, gêneros estes que são responsáveis pela nossa comunicação e compreensão de mundo. A função da

intergenericidade é essa: permitir que um gênero tome como suas, características de um outro gênero.

Marcuschi (2008) utiliza da expressão da linguista alemã Ulla Fix para exemplificar o que seria essa mescla entre gêneros textuais. Nomeada, segundo a alemã, de “intertextualidade tipológica”, o autor expõe que utiliza o termo intergenericidade “como a expressão que melhor traduz o fenômeno”. (MARCUSCHI, 2008, p. 165). A intergenericidade está associada a um constante diálogo entre textos e, desta forma, acompanham-se em total comunicação.

Tratando-se de intertextualidade tipológica e intergenericidade, muitos autores os definem como termos que acontecem por meio da hibridização. Ou seja, acontecem através da mescla de gêneros, um mesmo gênero apresentando e constituindo outros gêneros. Como afirmam as autoras Koch e Elias (2007), “É o fenômeno segundo o qual um gênero pode assumir a forma de um outro gênero, tendo em vista o propósito de comunicação”. As autoras citam exemplos de intergenericidade, exemplificando que “Não raro, pode ser verificado em anúncios, tirinhas e até mesmo em artigos de opinião” (KOCH, ELIAS, 2007, p. 114).

Os gêneros vivem em uma constante mistura de outros, adicionando em suas características novas formas e funções. Quando um gênero assume característica de outro, trata-se da intergenericidade. A intertextualidade tipológica, por sua vez, diz respeito a um gênero que apresenta características de outros gêneros, mas a sua característica principal se destaca, tornando-o aquele determinado gênero.

Assim, segundo Marcuschi (2008), é importante que haja a distinção entre intergenericidade e heterogeneidade tipológica, sendo esta última a “[...] que diz respeito ao fato de um gênero realizar sequências de vários tipos textuais (por exemplo, uma carta pessoal, como já vimos, pode conter uma narrativa, uma argumentação e uma descrição, entre outras)” (p. 166).

Desta forma, podemos perceber que os gêneros não se constroem apenas de forma escrita. Sua construção está interligada ao processo de interação dos indivíduos de acordo com as necessidades comunicativas.

### **3.1 O que é charge**

De acordo com Romualdo (2000), a charge aparece no período do século XIX. A primeira ilustração aconteceu nos Estados Unidos e foi publicada no ano de 1835. As ilustrações foram, aos poucos, ganhando destaque porque o público além de lerem as notícias,



poderiam ver as ilustrações. Assim defende o teórico: “aos poucos, a ilustração foi ganhando lugar nos jornais, junto com a notícia escrita”. (ROMUALDO, 2000, p. 22).

Como afirma Romualdo:

De início, as ilustrações não faziam parte do corpo da revista, mas apareciam em folha suplementar. O uso da ilustração acompanhando o texto passa a ser comum, alcançando seu apogeu, que também se deve à chegada dos inventos que permitiam maior facilidade para reprodução de desenhos. Graças a esses inventos, nos últimos anos do império, o desenho, a caricatura e a charge foram, de forma geral, adotadas pela imprensa. (ROMUALDO, 2000, p. 25-26).

A ilustração é um termo sólido que conseguimos visualizar expressos nas charges acompanhando o texto verbal, a fim de provocar no leitor o riso e humor. Romualdo (2000) expõe que a charge é muito mais concreta do que os textos que provocam opiniões, pois a charge tem caráter “imagético e humorístico”, chamando atenção do leitor para que possa expor sua opinião crítica em relação ao assunto abordado. A charge é um gênero de rápida compreensão, pois é um texto verbal e visual.

Segundo Romualdo (2000), a charge é um gênero informativo e de situacionalidade. A situacionalidade diz respeito ao leitor, o local e a forma de circulação da charge, além da forma escrita. O contexto presente nas charges vai ser o retrato da sociedade em um determinado momento. O autor ainda acrescenta: “As charges são textos coerentes e coesos, pois formam um todo de sentido que é transmitido pelas relações entre os diversos elementos gráficos que compõem as figuras de um quadrinho” (ROMUALDO, 2000, p. 29).

O criador das charges utiliza-se de seus conhecimentos e expõe suas opiniões de forma crítica, como por exemplo: criando personagens de políticos de forma divertida para criticar o cenário social em um momento específico. Essa crítica acontece de forma humorística.

O gênero charge pode ser confundido pelos leitores com outros gêneros, como é o caso da caricatura e do cartum. Os três apresentam características bem parecidas. Inicialmente, foi falado do surgimento da ilustração que está presente nos três textos. Isso faz com que eles sejam confundidos pelo fato de possuírem ilustrações e também por serem textos “visuais e humorísticos”. Martins e Santos afirmam que: “Essa confusão não é, contudo, simples ingenuidade do leitor, pois apesar de serem gêneros distintos, todos possuem ligações íntimas entre si, por derivarem de uma mesma origem e suas configurações serem muito assemelhadas”. (MARTINS, SANTOS, 2016, p. 9).

A caricatura é, pois, um desenho de um personagem real, que é reproduzido através da imagem e da pintura exagerada das características físicas dos humanos. “Nessa acepção, consideram a caricatura como a arte de caricaturar. Esta designação geral e abrangente da

caricatura a descreve como forma de arte que se expressa através do desenho, da pintura, da escultura, etc. cuja a finalidade é o humor”. (RABAÇA & BARBOSA, 1978 *apud* ROMUALDO 2000, p.31).

Diante dessa afirmação, Rabaça & Barbosa (1978) *apud* Romualdo (2000, p. 31-32) afirmam que a caricatura é uma interpretação do rosto humano “[...] com características humorísticas, cômicas ou grotescas”. A caricatura sempre vai apresentar características semelhantes aos rostos de pessoas, destacando traços como nariz, olhos grandes, boca etc.

Por sua vez, o cartum tem o seguinte significado no dicionário de comunicação: “tratado como uma anedota gráfica, com o objetivo de provocar o riso do espectador”. (ROMUALDO, 2000, p. 32). Ou seja, o cartum tem sentido mais amplo, pois provoca no leitor o riso por meio da crítica, relacionando aos costumes e atitudes dos convívios dos humanos. A charge e o cartum se assemelham por terem imagens, mas apresentam conceitos diferentes mesmo tendo o propósito de causar o riso de forma crítica. “O cartum é a representação genérica do cotidiano através do humor, da crítica, da ironia, e da sátira. O cartum, pois, se preocupa em demonstrar humoristicamente os costumes sociais, para isso utiliza todos os recursos cômicos disponíveis” (MARTINS, SANTOS, 2016, p. 10).

A finalidade do cartum é provocar o riso nos leitores que é reproduzido através dos desenhos. Por meio da imagem, o leitor consegue relacionar à linguagem verbal presente, sendo o foco principal do cartunista mostrar, através do gênero, os costumes do dia a dia dos humanos.

A charge, por sua vez, critica os acontecimentos atuais que ocorrem no meio social. Observamos que um tema bastante recorrente nas charges é o cenário político, representado com ironia e crítica, como veremos neste trabalho.

Sobre o surgimento do termo charge, sabe-se que vem “(do francês *charger*: carregar, exagerar) para os autores do Dicionário de comunicação, é um tipo de cartum cujo objetivo é a crítica humorística de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política”. (RABAÇA & BARBOSA, 1978, p. 89 *apud* ROMUALDO, 2000, p. 32).

Conforme afirma Romualdo (2000), fica entendido que a charge busca sempre mostrar temas que estão sendo importante no cotidiano dos leitores, dessa forma, é um gênero que demonstra assuntos atuais. Rabaça e Barbosa (1978 *apud* Romualdo 2000) fazem uma comparação da charge ao cartum, uma vez que ambos criticam acontecimentos, sendo que a charge majoritariamente faz referências à política, e o cartum, por sua vez, aos costumes humanos.

Assim, em sua obra, Romualdo (2000) destaca as diferenças desses gêneros:

Compreenderemos a charge como o texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico. Por focalizar uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal. Como o cartum, entenderemos todo desenho humorístico no qual o autor realiza a crítica de costumes. Por focalizar uma realidade genérica, ao contrário da charge, o cartum é atemporal, desconhece os limites de tempo que é a crítica a personagens, fatos e acontecimentos políticos impõe. A caricatura será compreendida como o desenho que exagera propositadamente as características marcantes de um indivíduo. (ROMUALDO, 2000, p. 33).

A charge e a caricatura, apesar de terem seus conceitos diferentes, não se separam, pelo fato de que a caricatura está presente nas charges e no cartum. O texto chágico é composto pelo desenho, que é uma caricatura de personagens humanos da realidade, a fim de criticar, usando o humor.

Para facilitar a compreensão da charge, o contexto deve ser de conhecimento do leitor. Ele deve estar atualizado das circunstâncias políticas ao seu redor, pois caso não esteja ciente disso, o texto poderá não ter nenhum sentido e efeito.

A compreensão da charge está intrinsicamente ligada à intertextualidade que, segundo Martins (2010), “[...] é uma característica inerente a todos os gêneros que lemos, escrevemos, falamos, ouvimos, expressamos”, e justifica apontando que o material ali disposto estabelecerá ligação com textos já previamente escritos “[...] opondo-se ou apoiando-se, concordando ou discordando” (p. 42), vejamos melhor, a seguir.

### **3.2 Intertextualidade**

Cavalcante e Martins (2008) nos afirmam que o termo intertextualidade tem sido considerado fundamental na interrelação que os textos preservam, dentro de um constante diálogo entre si. Dessa forma, a intertextualidade passa a ser considerada heterogênea, pelo fato que todo texto se reproduz por meio de outros.

As pesquisadoras expõem que “pode-se definir a intertextualidade como sendo um “diálogo” entre textos”. Mais adiante, as autoras dão sequência explicando o que vem a ser esse diálogo que existente entre os textos: “Esse diálogo pressupõe um universo cultural muito amplo e complexo, pois implica na identificação e no reconhecimento de remissões e obras ou trechos mais ou menos conhecidos” (CAVALCANTE, MARTINS, 2008, p.23)

Na medida em que os leitores fazem uso da leitura para criar seus textos, seja verbal ou não verbal, estão fazendo uso da intertextualidade. Essas leituras servirão como referências para seus escritos. Através de textos anteriormente escritos, são retiradas ideias para aprimorar seus conhecimentos e poder escrever seus textos. Essas ideias, muitas vezes, podem

aparecer no texto como sendo implícitas ou explícitas, exigindo do leitor os seus conhecimentos adquiridos através de leituras ou de conhecimentos prévios. Assim pontua Fiorin (1999, p.28 *apud* Cavalcante e Martins, 2008, p. 25) “Todo texto é produto de criação coletiva: a voz do seu produtor se manifesta ao lado de um coro de outras vozes que já trataram do mesmo tema e com quais se põe em acordo ou desacordo”.

Ou seja, o autor afirma que os textos são criados a partir de outros textos que abordam sobre determinado tema que os interlocutores desejam para seus escritos. Sendo assim, compreendemos que não temos como fazer um texto próprio nosso, sempre estaremos recorrendo a outras vozes para criação do texto.

A intertextualidade, então,

Trata-se da possibilidade de os textos serem criados a partir de outros textos. A autora exemplifica que “As obras de caráter científico remetem explicitamente a autores reconhecido, garantindo, assim, a veracidade das afirmações. Nossas conversas são entrelaçadas de alusões a inúmeras considerações armazenadas em nossas mentes (CAVALCANTE, MARTINS, 2008, p.23)

De acordo com Koch, Elias (2007), a intertextualidade se constrói em textos a partir de outros textos anteriores, para criar um novo texto precisamos recorrer a outros textos, dessa forma, sempre iremos recorrer a outros textos para fundamentar o novo texto. Como afirma Bakhtin (1992, p. 291 *apud* KOCH, ELIAS, 2007, p. 78), que “[...] cada enunciado é um elo de cadeia muito complexa de outros enunciados”.

Deste modo, só podemos perceber na leitura do texto e compreender se usarmos nossos conhecimentos, chegando ao ponto de identificar a intertextualidade presente no texto caso já tenhamos conhecimento do texto fonte. Assim como afirmam Koch e Elias (2007, p. 86), ocorre a intertextualidade quando “[...] em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido [...]”.

Segundo Martins e Santos (2016, p. 8), para que ocorra a intertextualidade, o leitor precisa identificar intertextos, ou seja, conectar o seu conhecimento cultural ao que está exposto no texto “[...] tanto implicitamente como explicitamente”. De acordo com o dicionário da língua portuguesa do autor Evanildo Bechara, o termo intertexto significa: “Texto literário que influencia um texto futuro” (BECHARA, 2011, p. 746). Diante desta afirmação podemos perceber que o termo intertexto se refere a um texto antecedente, que é utilizado para fazer referência a outro que vai ser escrito.

Nessa direção, fica claro que o papel da intertextualidade é fundamental para a construção de outros textos novos, uma vez que a construção de outro texto vai depender do conhecimento do autor/leitor e suas influências de leitura. Assim sendo, o texto é produzido a

partir da ideia de textos anteriores, sofrendo transformações diretamente. De acordo com Evanildo Bechara (2011), intertextualidade significa: “**1** Relação entre um ou mais textos, entre autores, na elaboração de um novo texto. **2** Influência de um texto sobre outro, dando origem a um novo texto” (BECHARA, 2011, p. 746).

Para compreender melhor a construção de textos a partir da intertextualidade, Bazerman (2006, p. 88 *apud* MATIAS, 2010, p. 43) afirma que a todo momento utilizamos como referências outros textos: “Nós criamos os nossos textos a partir do oceano de textos anteriores que estão à nossa volta e do oceano de linguagem em que vivemos” e compreendemos os textos dos outros dentro desse mesmo oceano.

Para escrevermos um texto, precisamos recorrer a várias outras leituras prévias, pois nós leitores sempre vamos usar nossos conhecimentos sobre outros textos, seja diretamente ou indiretamente. Barros (1994) *apud* Matias (2010) nos afirma que a intertextualidade é a interpretação do texto verbal no qual acontece um diálogo entre enunciador e interlocutor, interagindo verbalmente.

Nesse sentido, Matias (2010, p. 43) pontua que essa influência textual na construção da charge “[...] tem o propósito principal de dialogar com fatos que originaram o referido discurso e, ainda, de colaborar para uma melhor interpretação da temática na medida em que polemiza o assunto através das informações citadas”. Mediante essas afirmações, concluímos que o gênero charge, ao ser criado, sofre várias influências, pois o autor dialoga diretamente com outros meios de conhecimento.

Como evidencia Matias (2010) “A intertextualidade, pelo sentido que tem e pela função dentro de um texto, a nosso ver, passou a significar um processo inevitável à investigação das relações entre os diversos textos” (p. 45). Afirma ainda que a intertextualidade “Tornou-se um percurso para se obter uma melhor compreensão da leitura e problematizá-la” (p. 45). O uso da intertextualidade não pode ser evitado, visto que precisamos usá-la para melhor interpretar/ dar sentido aos vários textos. A partir disso, compreendemos que um texto dificilmente será original, pois se constituirá através de intertextos.

Matias (2010), ainda, sobre intertextualidade, expõe que é possível “identificarmos informações que fazem com que esse texto estabeleça conexões textuais com outros textos, numa clara relação de intertextualidade”. Salienta também que podemos encontrar diversos traços de intertextualidade no texto verbal e não verbal presentes na charge, “seja na caricatura, nos objetos, nos gestos, nas cores” (MATIAS, 2010, p.48).

De acordo com Romualdo (2000), podemos conceituar a charge como sendo resultado da composição do texto visual e o verbal, e uma das características principais da charge é o texto visual. Ainda destacamos que “A leitura dos balões e das letras que compõem um signo linguístico deve levar em consideração a forma como eles aparecem desenhados, pois sua representação pode auxiliar na interpretação, tanto do conteúdo da fala como de toda a charge, ou mesmo na caracterização de um personagem” (ROMUALDO, 2000, p. 40).

Assim, as imagens e o uso dos balões nas charges facilitam bastante a compreensão do gênero como também aproximam a comunidade leitora desse gênero.

### **3.3 O humor, a ironia e a crítica**

Após diferenciarmos as possíveis semelhanças da charge, do cartum e da caricatura, iremos pontuar e compreender os elementos característicos da charge que são o humor, a ironia e a crítica.

#### **3.3.1 O humor**

Definido por Houaiss (2004) como “Graça, comicidade [...]” (p. 430), o humor é assimilado ao riso. Essa é uma das características da charge: provocar o riso no leitor. Ziraldo (1970) *apud* Romualdo (2000) vai nos demonstrar que a charge deve ter o humor. O chargista usa de sua criatividade para expor um assunto atual, criando elementos visuais e verbais de forma crítica, provocando, por conseguinte, o riso. “A palavra humor apresenta vários sentidos, devido às suas transformações semânticas, o termo, atualmente, já está generalizado”. Segundo o autor, o humor é hoje o nome que abrange toda a “atividade ligada à criação do riso”. (ZIRALDO, 1970, *apud* ROMUALDO, 2000, p.49).

Mostremos a definição de humor, que se tornou comum na sociedade com o significado do riso: “Em sua obra “o riso”: ensaio sobre a significação do cômico, mostra que há comicidade – definido como algo engraçado sem a necessidade crítica –, e consequentemente o riso, apenas no que é propriamente humano. Assim, o homem, aquilo que se assemelha a ele ou que de algum modo denote sua presença é que nos faz rir”. (BERGSON 1980, *apud* ROMUALDO, 2000, p.49).

Para entendermos o humor nas charges precisamos nos situar ao tempo: “A atualidade, a contemporaneidade da charge com o fato ao que se refere”. (ROMUALDO, 2000, p.52). Ou seja, para entendermos e despertarmos o humor, precisamos estar atentos à atualidade e também ao que estamos vivendo. “Com o passar dos anos, por causa das transformações

constantes que vivem os homens e as sociedades, o contexto social se modifica e, por isso, quando revemos velhas caricaturas ou charges não compreendemos muitas vezes a intenção e o humor desses textos” (BELTRÃO, 1960 *apud* ROMUALDO, 2000, p. 52).

É importante frisar que o tempo e o contexto histórico aos quais a sociedade está inserida naquele momento de publicação da charge, interferem diretamente em sua interpretação e na reação do leitor humoristicamente.

### **3.3.2 A ironia**

Muito utilizada para provocar o riso, a ironia é definida, segundo Houaiss (2004), como “modo de expressão da língua em que há um contraste proposital entre o que se diz e o que se pensa” (p. 430). Ou seja, quando o leitor observa um texto disposto em uma charge que não condiz com aquilo que seu conhecimento de mundo converge, há possivelmente ironia, pois como define Houaiss (2004), é um “Fato que não combina com que era esperado” (p. 430).

De acordo com Matias (2010), “uma das características mais presentes na charge é a ironia, cuja a função é criticar e debochar, de forma humorística, certas situações”, e continua: “A ironia sugere uma intenção depreciativa ou sarcástica do enunciador, provocando um riso de zombaria a respeito de um acontecimento real” (MATIAS, 2010, p. 67).

O termo ironia é o sentido contrário ao do literal, isto é, precisamos dar novos sentidos àquilo que é apresentado. Desta forma, a ironia acontece na linguagem, alterando o sentido literal, e a partir desse sentido, o leitor consegue compreender novos significados do sentido original. Este sentido literal que estamos falando seria o sentido básico da palavra, que o leitor conseguiria compreender sem precisar usar o contexto.

De acordo com Romualdo (2000), o termo ironia está ligado às bases tradicionais dos estudos clássicos da retórica, que a classifica como figura de pensamento, como aquilo que se diz ou se pensa pretendendo exprimir o contraditório, ou seja, se comporta como antífrase. O autor diz que “[...] nessa visão, é tratada como uma figura que busca modificar o sentido literal primitivo para obter um sentido derivado”. (ROMUALDO, 2000, p. 78, *apud* SANTOS, MARTINS, 2016, p. 10-11).

Diante desta afirmativa, o leitor cria novos sentidos para o termo que está sendo comunicado de forma irônica. Para muitas pessoas a ironia é tida como uma forma de deboche, mas a ironia é muito mais que isso, pois através dela surgem novas capacidades de criar sentidos. Vamos entender um pouco sobre a origem da ironia: “O termo ironia vem do

grego *eironeia* e quer dizer interrogação dissimulada. Sua origem parte da necessidade de interrogar e provocar o surgimento de novas ideias.” (MOISÉS, 2001, p. 294 *apud* MATIAS, 2010, p. 56).

De acordo com Esteves (2009, p.22, *apud* Matias 2010, p. 58): “a ironia estabelece uma relação estreita entre o dito e o espirituoso, o gracejo humorado, até ao sarcasmo quase cínico, numa relação íntima com o humor”.

Podemos perceber que existe uma relação entre ironia e humor, indicando oposições entre eles, podendo ser na linguagem verbal ou não verbal. Os interlocutores, através de elementos expostos, conseguem compreender sentidos que podem ser chamados de duplo sentido: “Uma análise atenta nos faz perceber que a ironia, de fato, pode apresentar uma visão crítica a respeito de comportamentos, características ou acontecimentos, assim como a zombaria”. (MATIAS, 2010, p. 59).

Como expõe Kierkegaard (1991, p.216-217, *apud* Matias 2010, p.59), “a ironia é uma figura que ocorre frequentemente no discurso retórico e cuja característica é dizer o contrário do que se pensa”. Uma das características da ironia é o tom que as pessoas utilizam para se expressarem, “o tom sério e o de brincadeira”.

Assim, em sua obra, Matias (2010, p.60) afirma que: “A ironia é um jogo em que uma expressão, uma imagem, um gesto duplica seu sentido e o explícito leva a um implícito. Há sempre um não dito que se esconde por traz do dito e só será revelado se a associamos o texto a um contexto e o enunciado a um referente”.

Diante disto, a ironia surge pelo fato de os interlocutores deixarem o sentido básico e darem um novo sentido a essa comunicação. A ironia é fundamentada por um discurso irônico que apresenta vários aspectos sociais. É muito comum encontrar a ironia em charges pelo fato de serem produzidas a partir de um assunto sério.

Assim, em sua obra Matias (2010) descreve que:

Uma das características mais presentes na charge é a ironia, cuja a função é criticar e debochar, de forma humorística, certas situações. A ironia sugere uma intenção depreciativa ou sarcástica do enunciatador, provocando um riso de zombaria a respeito de um acontecimento real”. (MATIAS, 2010, p. 67).

O texto chárstico utiliza-se da ironia para revelar, em sua maioria, fatos políticos. A charge, então, além de mostrar o seu sentido de base, deixa pistas de outros sentidos que podem ser construídos/acionados pelo leitor.



### 3.3.3 A crítica

A crítica, definida como “arte ou técnica de julgar a obra de um autor” no dicionário de Houaiss (2004, p. 201), está explicitamente presente nas charges, uma vez que o leitor, ao ler e observar este gênero, analisa de forma crítica o que está disposto. Bechara (2011, p. 461), por sua vez, define a crítica como uma “Avaliação (positiva ou negativa) que se faz sobre algo ou alguém”. A crítica não está presente apenas no leitor; o autor, ao criar a charge, está utilizando também a sua crítica para a criar.

A crítica é utilizada no gênero charge para denunciar assuntos do cotidiano humano. O termo crítica é uma reflexão do posicionamento dos interlocutores diante de seus pensamentos sobre as informações apresentadas. Assim pontua Matias (2010): “A charge é essencial para retratar a realidade de forma crítica. Evidenciamos, por meio do gênero, os traços ideológicos que permitem ao leitor fazer uma leitura reflexiva sobre fatos da realidade nele retratados”. (MATIAS, 2010, p. 12).

Podemos perceber, pois, que o texto chárstico é especialmente produzido para criticar a sociedade, utilizando os acontecimentos que se passam no dia a dia das pessoas.

## 4. METODOLOGIA

A metodologia usada é de cunho qualitativo e de caráter descritivo/interpretativo, uma vez que, como exemplifica Gil (2008, p. 28), “As pesquisas descritivas são [...] as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática”. No nosso trabalho serão descritas/analizadas cinco charges na temática política, do artista paraibano Regis Soares Coutinho.

Tesch (1990) *apud* Gil (2008, p. 177), após considerar as múltiplas possibilidades de análise qualitativa, definiu um conjunto de dez princípios e práticas orientadoras da análise qualitativa. Mediante a essa consideração, a nossa análise se encaixa no ponto 8, uma vez que a análise do trabalho não se restringe a único ponto de vista, vai muito mais além:

8. A manipulação qualitativa dos dados durante a análise é uma atividade eclética; não há uma única maneira de fazê-la. Embora se reconheça a importância de um arcabouço metodológico sólido, não se pode dispensar a criatividade do pesquisador. Cabe-lhe muitas vezes desenvolver a sua própria metodologia (GIL, 2008, p. 177).

A partir disso, notamos que precisaremos utilizar também do nosso conhecimento de mundo, uma vez que necessitaremos refletir a partir das nossas experiências. De acordo com as autoras Koch e Elias (2007), conhecimento de mundo se refere às informações

armazenadas na memória do leitor, ou seja, a capacidade do leitor mostrar o que conhece diante de uma outra informação explícita.

As charges da amostra foram retiradas do site “Charges na Rua” (2019) ([www.chargesnarua.com](http://www.chargesnarua.com)) e foram criadas pelo chargista Regis Soares. Seu trabalho se iniciou quando decidiu ajudar a população de sua rua que sofria com a invisibilidade das autoridades em relação a um buraco na rua. A comunidade reivindicava seus direitos às autoridades, mas nunca foi assumido o compromisso por parte dos políticos na recuperação do buraco.

Regis Soares, observando a negligência das autoridades responsáveis, decidiu particularmente se manifestar contra esse fato que incomodava a comunidade: teve a ideia de fazer algo que chamasse atenção dos responsáveis. O chargista expôs, então, um de seus trabalhos dentro do buraco na rua, chamando atenção de quem passava pelo local.

O artista, num protesto silencioso, fez sua reclamação às autoridades. De forma irônica, deu o recado para os responsáveis pelo conserto: “Assim eu não voto!”. Os responsáveis, vendo a mensagem, tomariam uma atitude para resolver o problema. Essa charge originou todo o trabalho de protesto e, após 30 anos, o artista continua expondo suas charges em frente ao seu atelier, além de usar *outdoors* como suporte para apresentar seus trabalhos ao público pessoense.

Reginaldo Soares Coutinho, conhecido como Regis Soares, é paraibano, mora na cidade de João Pessoa e nasceu no ano de 1960. É conhecido por ser chargista, cartunista e caricaturista. O artista publicou seus primeiros trabalhos em jornais próprios da cidade, como o Jornal Momento, onde conseguiu seu primeiro emprego como chargista no ano de 1983. Seu trabalho foi ganhando importância na imprensa e com isso foi repercutindo em outros jornais de destaques, como O Norte e Correio da Paraíba.

As charges selecionadas para serem analisadas neste trabalho foram publicadas entre outubro e dezembro de 2018 e foram criadas com base no comportamento do político, mostrando alguns momentos da campanha eleitoral. Regis revela, em suas charges, o fato de mesmo o eleitor tendo ganhado o direito ao voto ainda tem dificuldades de analisar o contexto social, sendo facilmente enganado pelos políticos corruptos.

As charges apresentam situações da campanha eleitoral que ocorrem no cotidiano das pessoas e revelam o oportunismo dos candidatos. O eleitor apenas é “visto” pelo político no período das eleições. O autor, então, em suas charges, critica essa atitude de alguns políticos pois sabemos que após as eleições eles desprezam os eleitores.

As charges que foram escolhidas têm como característica o fato de serem temporais, pois estão situadas ao contexto atual; os personagens ilustrados nas charges apresentam comportamento que a maioria dos políticos têm no período das eleições. O conteúdo presente nas charges nunca está finalizado, servindo para criticar o período das eleições como também depois. As charges têm características peculiares à contemporaneidade, pois sabemos que elas não foram criadas apenas para aquele momento, pelo motivo de ser um tema atual que se adequa a qualquer momento.

O discurso presente nas charges retrata o que acontece de forma recorrente nas campanhas para os governos Municipais, Estaduais e Federais. A todo momento se reproduz o mesmo dilema dos políticos que usufruem do voto das pessoas menos favorecidas, com falsas promessas, propostas mentirosas para poder conseguir votos, visando seus interesses particulares.

As charges analisadas foram retiradas da rede social Instagram do artista Regis Soares. Apesar de ter sido produzida em 2004, a charge 01 foi republicada em outubro de 2018, fazendo uma crítica aos governantes que procuram os eleitores no ano de política. A primeira charge dá sequência às próximas analisadas. Por meio desta, podemos situar a atitude do político em busca de votos, e por conseguinte, as próximas charges analisadas abordarão o desprezo dos políticos com os eleitores após serem eleitos.

A charge 02, foi publicada em abril de 2018 e também produzida em 2004. O autor apresenta uma crítica ao comportamento do político depois das eleições. O artista, nesta charge, desconstrói o comportamento dos personagens da primeira; desta vez não é mais o político em busca do voto do eleitor, e sim o povo em procura do político eleito, em busca de todas promessas que foram feitas no período das eleições. Entretanto, a atitude do político é de negação, ou seja, se recusa oferecer os benefícios prometidos à população.

A charge 03, produzida em 2008 e publicada em 2018, dá sequência a questão eleitoral. Regis Soares faz uma crítica à atitude que os políticos têm após as eleições, mais uma vez o chargista apresenta a imagem do pobre se identificando para o político eleito, em busca do que foi prometido após ser escolhido pela população. O artista critica o problema de esquecimento que os políticos fingem apresentar depois de eleitos.

A charge 04, produzida em 2014 e postada em outubro de 2018, é a afirmação de todas as outras charges anteriores. O chargista faz comparação da mercadoria ao eleitor, mostrando o vencimento de ambos: a fala do personagem político afirma que os eleitores só tem validade até o período das eleições.

A charge 05 postada em novembro de 2018 revela as brigas que ocorrem no período eleitoral. A crítica feita é de perfis de eleitores que se tornam inimigos no momento das campanhas eleitorais. Os políticos, nas eleições, brigam entre si, pelo poder e os eleitores, influenciados pelos candidatos, acabam brigando também. O chargista mostra que alguns políticos são inimigos no período da eleição, entretanto, sabemos que em outras eleições tornam-se aliados visando os seus interesses pessoais.

## 5. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DO CORPUS

Analisaremos algumas charges políticas que foram criadas em eleições passadas. Apesar de serem antigas, o chargista as publicou para criticar as eleições do ano de 2018. Estas charges apontam características contemporâneas pelo fato de apresentarem discursos atuais no contexto da política brasileira. As charges escolhidas mostram elementos característicos desse gênero, como crítica, ironia, humor e através do texto icônico, o autor consegue provocar o riso e retratar temas que são vivenciados na sociedade. Vejamos a seguir:

Figura 1: Charge 01



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BojJExnDChP/>

Na charge 01, podemos observar, através das falas dos personagens, que o chargista faz uma crítica a respeito do comportamento dos políticos brasileiros. O autor usa o texto

icônico com linguagem verbal para caracterizar a fala de cada personagem: o pobre e o político, diante de um contexto de campanhas eleitorais. Além do chargista utilizar-se das falas dos personagens, ele também usa a linguagem não-verbal caracterizando as vestimentas utilizadas por cada personalidade: o “terno” é representativo do político, já o pobre usa roupas simples e descosturadas.

Observamos, evidentemente, a crítica presente na charge. É o que a autora Matias (2010) nos afirma: a crítica é importante para denunciar os acontecimentos da política como também da realidade.

A fala do personagem pobre “EU SOU UM POBRE!” é escrito em letras maiúsculas e expressa uma afirmação. Neste contexto, percebemos que o pobre poderia estar passando despercebido e de repente foi abordado pela figura política, atitude essa que é bastante comum em anos de eleição. Observando a charge, o político abraça o pobre como se fosse um brinquedo manipulado em suas mãos, como se estivesse já à procura de pessoas pobres para votar nele. Isso permite entender que o primeiro que apareceu na frente foi parado pelo político com a intenção do voto. Assustado com essa atitude, podemos perceber na fisionomia do personagem pobre um ar de medo e surpresa com esse comportamento.

Na afirmação feita pelo pobre, o político deixa claro que a única coisa que interessa para ele é o voto. No discurso do político é feita uma afirmação em cima da discussão do personagem humilde, pois o político afirma que “EU SEI, SÓ QUERO É O SEU VOTO!”, discurso que demonstra “desprezo” para com o outro, ou seja, para ele nada mais interessa naquela pessoa. A única coisa importante e necessária é seu voto e, na afirmação “EU SEI,”, se compreende que o político afirma saber que ele é apenas um pobre coitado que “não tem onde cair morto”, mas tem o voto.

O sorriso do político é bem típico da simpatia que alguns deles em período de eleições. A palavra “voto” comprova o interesse particular do político no contexto da política. O artista usa alguns traços nos personagens para identificar as classes sociais, como o olhar, roupas, a imagem do pobre “desdentado”, sem sandália, sorrisos, cores, calçados. Ou seja, a desigualdade está bem presente nesses elementos que caracterizam os personagens.

A charge foi criada no ano de 2004 para criticar a eleição para prefeito daquele ano. O artista aproveitou para publicar no ano de 2018 para fazer semelhante crítica à política de governo e presidente com objetivo de fazer menção aos políticos brasileiros que só pensam no seu próprio bem, como também conscientizar as pessoas menos favorecidas de que a maioria das figuras políticas só procuram os pobres nos anos eleitorais. Apresentando o humor através

da expressão assustada do personagem, o chargista faz uma crítica a todas as esferas políticas: municipal, estadual, federal. A crítica feita é sobre políticos que se aproximam dos eleitores mais pobres e desinformados para enganá-los, movidos pela ambição do poder.

Figura 2: Charge 02



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BiN6TMGjIUR/>

Podemos perceber a partir da assinatura presente na charge, que ela foi criada no ano de 2004, ano em que estava acontecendo as eleições municipais no Brasil e foi republicada no ano de 2018. Observamos um discurso direto e a atitude sarcástica do político eleito quando é procurado pelo eleitor que vai cobrar pelas promessas feitas na campanha.

Podemos notar que os personagens ilustrados novamente são o político e o eleitor, dessa vez, o eleitor representado pelo povo como pode ser visto na blusa vermelha que traz a seguinte palavra: “POVÃO”, palavra esta que retrata a voz do povo pobre à procura do que foi prometido na época das eleições.

O chargista usa apenas um balão para apresentar a fala do político: “O QUÊ?! SE EU DER EDUCAÇÃO, CULTURA E SAÚDE A VOCÊ, VOCÊ NÃO VOTA MAIS EM MIM!”, no enunciado está muito forte a crítica e a ironia, pela forma como o político se expressa para falar com o povo. Como afirma Matias (2010), “A ironia é um jogo em que uma expressão, uma imagem, um gesto duplicam seu sentido e o explícito leva a um implícito”, e conclui: “Há sempre um não dito que se esconde por traz do dito e só será revelado se

associarmos o texto a um contexto e o enunciado a um referente” (MATIAS, 2010, p. 60). Comprendemos, assim, que a fala do político contém ironia.

No período da eleição foi prometido todos os serviços públicos necessários para o povo. Passadas as eleições, o povo vai à procura porque, de fato, precisa de boa educação, saúde. Já eleitos, a maioria dos políticos recebem os eleitores com deboche, pois tudo não passou de falsas promessas que são proferidas no período eleitoral. A mentira se mostra como sendo uma característica de grande parte dos políticos brasileiros, uma vez que prometem melhoras no serviço público. A política dos candidatos sempre é referente a esse discurso: saúde, educação e cultura.

Assim, percebemos que há uma forte crítica ao povo brasileiro que deposita sua confiança em políticos mentirosos, corruptos que só pensam nos seus próprios interesses. O povo brasileiro já acabou se acostumando com tantas falsas promessas em períodos de eleições, mas permanecem acreditando que tudo vai melhorar. O fato é que o povo não tem muitos critérios para escolher, diante de tantas campanhas e opções, um candidato honesto. E assim permanece ignorante/leigo diante de tantas mentiras e falsas promessas.

Figura 3: Charge 03



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bq920wGhqVt/>

Nesta charge 03, o autor utiliza o texto icônico-verbal para mostrar o discurso usado pelos personagens, apresentando o humor através das características do pobre descrito na imagem, com as vestimentas rasgadas, sem sapatos e só um dente. Observamos que a crítica

presente na charge surge muito forte, por apresentar-se na atitude do político como uma reação de menosprezo por aquela gente que está se identificando, pois mostra verdadeiramente a importância do pobre após às eleições. Depois de eleito, o político finge desconhecer os eleitores, esquece completamente o povo que lhe elegeu.

O autor usa os recursos próprios do gênero charge como o humor e a crítica. Percebemos esses recursos de forma intensa na charge, por fazer crítica ao comportamento do político diante dos menos favorecidos dentro da esfera social. Também podemos analisar o humor dentro do gênero, pois o chargista cria personagens assemelhados à classe pobre, esses que vivem em situações de misérias no país. Segundo Romualdo (2008, p. 52), para compreender o humor da charge, precisamos estar atentos e interessados na contemporaneidade e ao fato ao qual esta se refere.

O chargista utiliza apenas balões nas falas dos personagens que representam os pobres. Na imagem do político eleito é usada apenas uma expressão de pensamento: a mão colocada no queixo, manifesta-se em uma linguagem corporal, evidenciando o desconhecimento dessas pessoas que estão o cumprimentando. Deduzimos, a partir da charge, que o político não reconhece aquela gente.

Na expressão: “O SENHOR CONHECE A GENTE! TÁ LEMBRADO?”, o chargista usa primeiro uma afirmação. O menino afirma que o político eleito os conhece, mas o político finge não reconhecer, pois já tem se passado a época da política e não são mais importantes para ele. Já na segunda oração, o menino faz uma pergunta: “TÁ LEMBRADO?”, uma vez que o político foi pedir voto àquela gente no período das eleições. Isso significa dizer que durante a campanha, os pobres eram conhecidos pelo político. Uma vez eleito, os rostos das pessoas foram apagados de sua memória. Analisando a segunda fala da personagem, a mulher, é utilizada uma afirmação fazendo referência a fala do menino, “A GENTE É AQUELE PESSOAL QUE O SENHOR FOI LÁ PEDIR VOTO!”, ou seja, o político foi até a casa deles para pedir voto e enganar com falsas promessas e quando consegue os votos dos pobres, se faz de esquecido. É prática dos políticos chegarem nas casas dos eleitores pobres humildes, pedindo um voto de confiança e prometendo que quando for eleito, vai ajudar toda família. Desta forma, conseguem conquistar todos os votos daquela gente necessitada. Por fim, o autor critica a ambição e a falsidade do político eleito como sendo uma característica de grande parte dos que são eleitos na nossa sociedade.



Figura 4: Charge 04



Fonte:

<https://www.facebook.com/ChargesNaRua/photos/a.768481286549434/2117561228308093/?type=3&theater>

Na charge 04, notamos uma comparação da mercadoria/coisa ao eleitor/humano. O artista utiliza recursos como a ironia e a crítica. Usa a ironia para pontuar e situar a imagem do eleitor nos braços do político, sendo comparado ao produto/coisa que tem validade. Como afirma Romualdo (2008), “Se o leitor do texto chárstico é um indivíduo bem informado, integrado nas questões e acontecimentos políticos de sua época, há a possibilidade de que ele compreenda e capte o teor crítico de algumas charges [...]”, ou seja, nesta charge, provavelmente o leitor compreenderá a comparação entre a validade do produto e a validade do eleitor.

Já na imagem da mulher, observamos que ela afirma que o produto tem validade, “ESTE PRODUTO TEM VALIDADE ATÉ 2020!”. No ano citado ocorrerão novas eleições, ou seja, o chargista critica pontuando que nesse ano 2020 começarão novamente as enganações dos políticos com o eleitor. Sendo assim, o autor da charge faz uma espécie de conscientização para o ano de 2020, abrindo os olhos do eleitor, deixando claro que o eleitor só tem validade até o período das eleições.

Podemos observar que ao mesmo tempo que o artista critica a atitude do candidato assemelhando o eleitor à mercadoria, também o eleitor é visto como consumidor (no caso da mulher). Como é visto pela ação que acontece na imagem da mulher com o produto nas mãos, fica claro que as pessoas gostam de consumir. Desta forma, podemos entender que o eleitor é consumidor e pode mudar a situação.

A ação aparentemente ocorre em um supermercado. A mulher aparenta ter características de dona de casa, e talvez esteja fazendo compras e olhando as validade dos produtos expostos nas prateleiras. O primeiro produto analisado tem validade até 2020. Para que possamos entender o que o autor expõe, necessitamos utilizar da intertextualidade que, segundo Cavalcante, Martins (2008, p. 33), “[...] para construirmos sentidos dos textos, muitas vezes recorremos a outros textos”, ou seja, utilizamos de leituras já feitas para compreender o que ali está sendo disposto.

Entendemos que o político diz que o eleitor tem validade estipulada até o dia das eleições, dando a entender que após esse prazo não valerá mais. Observamos que o político está no mercado à procura de eleitores para votar nele: o primeiro eleitor que aparece é colocado em seus braços e o político usa um discurso irônico para se expressar a figura do eleitor, “E ESTE AQUI SÓ ATÉ AS ELEIÇÕES”. Ou seja, o eleitor só tem validade até o período das eleições. É o que Matias (2010) afirma: a ironia é a posição de criticar de forma debochada. Ou seja, através da ironia o autor denuncia uma atitude dos políticos brasileiros que veem o povo como um produto que tem validade apenas na época das eleições. A crítica e a ironia surgem também na roupa do eleitor: [as cores da roupa são as cores da bandeira do Brasil: amarelo e verde.] Assim, o artista critica os brasileiros que se vendem em períodos de eleições.

Figura 5: Charge 05



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BqFROKYh2ni/>

Na última charge, podemos observar que o chargista faz uma crítica às desavenças que ocorrem entre as pessoas nos períodos de eleições. Em relação à situação dos personagens, o autor utiliza-se da ironia, do humor e da crítica para caracterizar as atitudes desse público que aparecem nas imagens. A crítica presente é a atitude de políticos que “pulam de galho em galho”, ou seja, mudam de partido constantemente. Tal frase citada expressa muito bem as atitudes de políticos que brigam em épocas de eleições, motivadas por poder.

Muitas vezes chegam a denegrir a imagem do outro, brigando através de xingamentos e ofensas. Sabemos que os candidatos pertencem a partidos diferentes e no contexto da eleição discutem para poder vencer a candidatura, se tornando rivais. Com esses gestos de brigas entre os candidatos, os eleitores também se tornam inimigos por causa da rivalidade entre seus candidatos. Acreditam realmente que os políticos são inimigos. Entretanto, ao contrário do imaginado, os políticos só pensam em si e fazem acordos entre si para defender seus interesses pessoais.

Observamos a imagem dos personagens que são os eleitores também caracterizados pela imagem do pobre: as roupas rasgadas e pés descalços. Os políticos, por sua vez, utilizam ternos e sapatos. Notamos, ainda, que o artista utiliza as cores de camisas diferenciadas para apresentar os eleitores de partidos diferentes: a camisa vermelha é de um partido e a verde é de outro. Podemos ver essa rivalidade na afirmação feita pelo político, “INIMIGOS SÃO VOCÊS!”. O chargista usa apenas um balão para expressar a fala de um dos políticos. O político usa um discurso de afirmação, porque ele e o outro candidato eram apenas inimigos no período eleitoral, passado este período, eles voltam a ser amigos. Observamos, claramente, que no período eleitoral eles eram inimigos que disputavam o poder, mas quando passa a eleição o candidato que perde resolve se aliar ao vencedor para tirar proveito dos benefícios, pensando apenas em seus próprios interesses. Já muitos eleitores acabam com suas amizades por questões políticas.

Na oração, “MAS, VOCÊS NÃO ERAM INIMIGOS NA ELEIÇÃO PASSADA?!”, os personagens usam uma afirmação e ao mesmo tempo uma interrogação. Os eleitores acabam surpresos ao observar os políticos abraçados pelo fato de vê-los anteriormente brigando pelo poder e em outro momento tão amigáveis. O humor aparece muito bem nesse abraço dos personagens: o sorriso de felicidade por terem concretizados seus planos e interesses. Como explicita Romualdo (2008, p. 56), “através do humor, a charge destrona os poderosos e busca revelar o que está oculto em fatos, personagens e ações políticas”.

Deciframos que o humor está intrínseco na charge, pois como exposto, a verdade é exposta pela argumentação dos políticos.

A ironia e a crítica surgem na atitude dos eleitores que estão brigados por causa dos políticos. O autor faz uma crítica a alguns eleitores que brigam por questões políticas, destruindo as amizades enquanto os políticos continuam amigos. Os perdedores, no final das contas, são os eleitores, vítimas dos políticos oportunistas.

## **6. CONCLUSÃO**

Concluimos a análise das charges com temas políticos, mencionando a grande importância desse gênero para a formação de leitores críticos na nossa sociedade. A leitura de charges é, a princípio, considerada fácil, mas requer do leitor um amplo conhecimento prévio. O gênero charge utiliza-se de vários outros elementos como a linguagem verbal e não verbal, a ironia, crítica e humor, possibilitando fazer múltiplas leituras e atribuindo múltiplos sentidos ao gênero. É de suma importância, também destacar a intertextualidade como elemento fundamental na criação da charge, uma vez que através dela o leitor dialoga com outros textos; conseguindo, assim, interpretar e compreender melhor a charge.

Para análise das cinco charges usamos os conhecimentos prévios, conhecimentos de mundo, uma vez que “A produção de sentido se realiza à medida que o leitor considera aspectos contextuais que dizem respeito ao conhecimento da língua, do mundo, da situação comunicativa, enfim” (KOCH, ELIAS, 2010, p.59). Koch e Elias ainda afirmam que precisamos utilizar do conhecimento de mundo para construirmos sentido a partir do “[...] linguístico materialmente constituído” (2010, p. 43). Enquanto leitores, precisamos interpretar e compreender as informações mostradas pelo chargista. Nós, leitores, precisamos construir sentidos, uma vez que as charges produzem mais de um sentido.

Nesse contexto, nosso objetivo geral foi atingido, ou seja, uma vez que analisamos os diferentes sentidos das charges acionados pela leitura. Os objetivos específicos também foram atingidos, pois conseguimos reconhecer, nas charges analisadas, seus elementos característicos fundamentais e apontá-los em nossa análise. As cinco charges têm como características principais críticas aos políticos: dentro delas encontramos seus elementos fundamentais como o humor, a ironia, a crítica e intertextualidade. Em relação ao segundo objetivo específico, concluimos com êxito a análise que se deu através do acionamento dos conhecimentos prévios do leitor, assim, acreditamos que despertamos a criticidade dele.

Conseguimos, dessa forma, mostrar o quão importante é o gênero charge a partir das suas múltiplas leituras e de seus múltiplos sentidos.

Isso é exemplificado na análise das cinco charges escolhidas: na charge 01, o chargista apresenta os personagens do político e do pobre através da caricatura, criticando a atitude de alguns políticos oportunistas que procuram os menos favorecidos socialmente apenas em épocas eleitorais movidos pela ambição do voto.

Na charge 02, o artista desconstrói o comportamento do político da charge anterior, agora mostrando não mais a imagem do político à procura do voto do povo, e sim o eleitor que representa os pobres à procura do político eleito, em busca do que foi prometido em épocas de eleições: educação, cultura e saúde. O político depois de eleito recebe o povo com deboches, não cumprindo com suas promessas.

Na charge 03, o artista faz críticas ao comportamento dos políticos depois de eleitos que fingem não conhecer os eleitores que os elegeram. No momento das eleições, o político vai até a casa do pobre em busca do voto e depois de eleitos, fingem estarem esquecidos. O autor critica esse falso comportamento do político usando o humor para mostrar as falas dos personagens e suas características pessoais. Na charge 04, Regis Soares faz uma comparação da mercadoria ao eleitor. O artista mostra ambos sendo analisados nos braços do político: o eleitor sendo comparado ao produto com validade até as eleições de 2020, ano de novas eleições. O autor faz uso da crítica em relação aos políticos que só veem o eleitor nas eleições e também conscientiza os eleitores para as próximas eleições.

Na última charge, o artista critica as brigas que acontecem com pessoas que são amigas e, por causa de políticas, se tornam rivais. Os políticos na época da eleição são inimigos, mas em outro momento político se tornam aliados visando seus interesses pessoais. As pessoas comuns, porém, permanecem rivais, destruindo suas amizades.

Diante das análises expostas, observamos que o artista, para criar suas charges, buscou dialogar com outras fontes de informações. Assim, o leitor, para dar sentido as charges, fez uso da intertextualidade recorrendo aos conhecimentos prévios para análise das mesmas. É importante notar que o leitor precisa encontrar-se situado com os acontecimentos atuais que se passam no cotidiano da sociedade e também ter conhecimentos prévios a respeito do contexto político e social. Desta forma, o leitor consegue ativar seus conhecimentos para alcançar os múltiplos sentidos do gênero charge. Finalizamos nossa análise ressaltando a importância do olhar crítico para esse gênero tão complexo e atual.

## REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Dicionário de língua portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

CAVALCANTE, Mirla Carlos Estevam; MARTINS, Iara F. de Melo. **A intertextualidade e as charges: Diálogos possíveis**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2008.

CHARGES na rua. **Charges na Rua**. Disponível em: <http://www.chargesnarua.com/biografia>  
Acesso em: 12 julho de 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO Antonio Houaiss. **Minidicionário Houaiss de língua portuguesa** / organizado pelo Instituto Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. – 2.ed. ver. E aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

KOCH, Ingedore Villança; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2007.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas, SP: Pontes, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

MATIAS, A. F. **Intertextualidade e ironia na interpretação de charges**. Fortaleza: 2010. 131 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3596/1/2010\\_dis\\_afmatias.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3596/1/2010_dis_afmatias.pdf)> Acesso em: 12 de julho de 2019.

ROMUALDO, E. C. **Charge Jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo**. Maringá: Eduem, 2000.

SANTOS, Marlison Alexandre dos & MARTINS, Iara Ferreira de Melo. **Leitura de charges políticas: acionando múltiplos sentidos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2016.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus pela vida, pela a força e coragem permitida de não ter me deixado fracassar diante dos meus sonhos, e me ter permitido esforçar-me diante de tantas dificuldades.

Aos meus pais, Edilma Maria da Silva Ribeiro e Raimundo Ribeiro da Silva, grandes incentivadores das minhas realizações, por terem me colocado no mundo, pelos conselhos e educação.

Ao meu noivo Wellington Mauricio, por ter compreendido muitas vezes minhas ausências, os meus estresses, sempre acreditando nos meus esforços, me dando encorajamento para não desistir.

Aos meus irmãos, José Aurélio Ribeiro, Gilberto Ribeiro, Janiane Ribeiro e Janeide Ribeiro, por torcerem por mim, que sempre me apoiaram em meus estudos.

À minha irmã, Maria Gesiane Ribeiro, por ter me ajudado em digitações de meus trabalhos e organizações acadêmicas, durante os quatro anos de curso.

Ao meu irmão Ginaldo Ribeiro, por ter sempre acreditado que eu era capaz, tendo me inscrito no ENEM e depois no SISU, através dessa seleção consegui ingressar na Universidade, e também tendo me inscrito no projeto Residência Pedagógica.

Aos meus professores do curso de Letras pelos ensinamentos que contribuíram na minha formação.

À minha orientadora, Profa. Doutora Iara Martins, por ter me aceitado como orientanda, acreditando em minha competência na realização desta pesquisa, pela paciência de fazer as correções e revisões em meu trabalho.

À banca examinadora, por terem aceitado avaliar o trabalho, em especial às professoras Danielle dos Santos Mendes Coppi e Karla Valéria Araújo Silva.

A todos os funcionários da Universidade, da categoria da limpeza à Coordenação de Letras, sempre prestando seus serviços com dedicação.